As Cooperativas de Produção Agroindustrial no Paraná e o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) como seu Agente Indutor de Desenvolvimento

Agro-Industry Cooperatives in the State of Paraná and the Role of "BRDE" as their Development Inducer

Las Cooperativas de Producción Agroindustrial en Paraná y el Banco Regional de Desarrollo del Extremo Sur (BRDE) como su Agente Indutor de Desarrollo

Simone Cazarotto e Wellington Pereira***

RESUMO

A atividade econômica na forma de cooperativa tem demonstrado ser um meio importante para impulsionar o desenvolvimento econômico e social. Partindo desta constatação, o objetivo deste texto é apresentar alguns indicadores que ilustram a evolução expressiva da produção agroindustrial por cooperativas na Região Sul do Brasil, com destaque para o caso do Paraná, considerando-se que esse sucesso tem relação direta com o apoio ao desenvolvimento econômico determinado pelo acesso a crédito de longo prazo. Nesse sentido, utilizam-se como parâmetro os financiamentos realizados pelo Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) às cooperativas, enfatizando-se que a história do cooperativismo na Região Sul e a do BRDE estão associadas desde sua origem.

Palavras-chave: Cooperativas. BRDE. Desenvolvimento econômico.

ABSTRACT

The economic activity organized by cooperative companies demonstrates to be an important way to stimulate the economic and social development. From this point, the objective of this paper it is to analyze the fast evolution of this activity by industrial cooperatives, with focus on the State of Paraná. Moreover, we present the direct correlation between this evolution and the central role played by Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) as an inductive public institution for economic and social development. The history of production organization by cooperatives companies in the South Region and the BRDE actions are associated for a long time.

Keywords: Cooperative Companies. BRDE. Economic Development.

* Economista, mestre em Economia e Finanças pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), analista de projetos do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE). E-mail: simone.cazarotto@brde.com.br

** Economista, mestre em Desenvolvimento Econômico, analista de projetos do BRDE, professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: wdpereira@yahoo.com.br

Artigo recebido em julho/2011 e aceito para publicação em outubro/2011.

RESUMEN

La actividad económica en la forma de cooperativas ha demostrado ser um medio importante para impulsar el desarrollo económico y social. Partiendo de esa constatación, el objetivo de este texto es presentar algunos indicadores que ilustran la evolución expresiva de la producción agroindustrial por cooperativas en la región sur de Brasil, con destaque para el caso del Paraná, considerándose que dicho éxito tiene relación directa con el apoyo al desarrollo económico determinado por el acceso a crédito de largo plazo. En ese sentido, se utilizan como parámetro las financiaciones realizadas por el Banco Regional de Desarrollo del Extremo Sur (BRDE) a las cooperativas, enfatizándose que la historia del cooperativismo en la región sur y la del BRDE están asociadas desde su origen.

Palabras clave: Cooperativas. BRDE. Desarrollo económico.

INTRODUÇÃO

A atividade econômica na forma de cooperativa tem demonstrado ser um meio importante para impulsionar o desenvolvimento econômico e social. Além disso, é uma forma avançada de organização da sociedade civil por gerar maior bem-estar aos cooperados e à comunidade. O direito ao exercício da cidadania, através de mecanismos de relacionamentos pautados pela democracia e liberdade, caracteriza o desenvolvimento das cooperativas (MORATO; COSTA, 2001 *apud* OCB, 2009a).

Os resultados gerados pela atividade cooperativista não estão restritos somente à área econômica. Talvez o principal deles esteja voltado para o social, no que se refere à melhoria na qualidade de vida dos associados que trabalham em conjunto. Em 1994, havia 120 mil pessoas empregadas diretamente por cooperativas no Brasil. Em 2008, já eram 255 mil indivíduos que possuíam vínculo direto com o sistema. Como bem registra a Organização das Cooperativas do Brasil (OCB), a consolidação do sistema cooperativista no País desempenha papel significativo para o desenvolvimento regional. Os benefícios abrangem um amplo leque de áreas que fazem parte do dia a dia de todas as famílias que trabalham direta ou indiretamente através do sistema cooperativista: acesso a crédito, saúde, educação, moradia e ao mercado de trabalho, com responsabilidades sociais e ambientais.

O objetivo deste texto é apresentar indicadores que mostram a importante evolução que a produção das cooperativas produtivas paranaenses vem tendo ao longo da última década. Considera-se que tal desempenho de sucesso tem relação direta com o papel desempenhado pelo Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) como órgão de fomento e indutor do desenvolvimento econômico e social. A história do cooperativismo na Região Sul e a do BRDE estão associadas desde sua origem. Esta afirmação ganha maior destaque para o caso do Estado do Paraná. As cooperativas, mais do que nunca, mantêm-se como grandes parceiras do BRDE e este tem fomentado atividades econômicas essenciais na Região Sul do Brasil. A evolução positiva das cooperativas paranaenses contou, em variados momentos, com o apoio técnico e financeiro do BRDE. Esses vínculos intensificaram-se muito nos últimos anos, o que está mais claramente demonstrado em vista dos expressivos volumes de financiamento nesse período, conforme apresentado no artigo.

Além desta introdução, o presente artigo traz uma breve discussão sobre o papel do crédito como instrumento essencial para o desenvolvimento. Isso contribuirá, na sequência, para compreender as informações quantitativas e qualitativas referentes às cooperativas brasileiras e às congêneres paranaenses. Adiante, são apresentados indicadores que demonstram o adensamento da parceria de longa data firmada entre o BRDE e as cooperativas agropecuárias e industriais na Região Sul, destacando elementos adicionais para o caso paranaense. Por fim, apresentam-se alguns indicadores econômico-financeiros das cooperativas apoiadas pelo BRDE, fechando-se o texto com alguns comentários finais sobre os principais fatores verificados no estudo.

1 CRÉDITO E DESENVOLVIMENTO

A tradição schumpeteriana de estudo sobre desenvolvimento econômico considera que o empresário possui uma função fundamental dentro do ciclo de acumulação capitalista, pois será ele o agente que articulará os instrumentos de que dispõe, bem como buscará outros complementares para que possa combinar recursos e gerar novos resultados. Schumpeter (1982) resumiu esses "resultados" em cinco grupos:

1. introdução de um novo bem, ou de uma nova qualidade de um bem;
2. introdução de um novo método de produção, ou uma nova maneira de comercializar uma mercadoria;
3. abertura de um novo mercado;
4. conquista de uma nova fonte de matérias-primas, ou de bens intermediários;
5. estabelecimento de uma nova forma de organização de uma indústria.

Essas possibilidades de novos resultados estão no centro da dinâmica de desenvolvimento capitalista. Segundo Lima (1991), o processo de desenvolvimento está diretamente associado à busca de acumulação de capital e ao desenvolvimento tecnológico por parte da empresa. Pois, será assim que ela conseguirá manter-se "viva" e com crescimento de seu faturamento ao longo do tempo.

Mas, para que o empresário possa ter condições de tornar esse cenário uma realidade, um ingrediente essencial deve estar ao seu alcance: o crédito, ou melhor dizendo, o crédito de longo prazo. Coelho e Gonçalves (2007, p.3) recorrem a Stuart Mill para afirmar que "o crédito tem grande poder, mas não é mágico", ou seja, o crédito por si só não fará nada sozinho. Mas o empresário é o agente que poderá se utilizar do acesso ao crédito para que possa realizar investimentos que visem a dinamizar mais sua atividade econômica. Nesse sentido, a utilização do crédito disponível pelas empresas poderá tornar a indústria a que pertencem mais produtiva, ao mesmo tempo em que um cenário marcado por um maior grau de confiança contribuirá para que o crédito continue a estar disponível em períodos subsequentes.

Esse ponto abre espaço para a discussão de como o acesso a esse crédito poderá ocorrer quando as empresas se mostrarem interessadas em investir. Andrezzo e Lima (2001 *apud* COELHO; GONÇALVES, 2007) afirmam que o próprio sistema financeiro pode restringir o crescimento econômico, ao invés de estimulá-lo. Ocorre que seu uso de forma a não beneficiar uma maior demanda por crédito para investimentos não contribuirá para que haja um maior crescimento econômico e, consequentemente, mais demanda por intermediação financeira com vistas à concessão de crédito, criando um círculo vicioso.

Schumpeter (1982) também atestou o papel do banqueiro como intermediador entre os empresários que querem investir e gerar nova produção e aqueles que dispõem de recursos para serem emprestados (e remunerados). No entanto, o

contexto que possibilita esses relacionamentos é muito importante e pode se tornar adverso à ocorrência de novos investimentos e, assim, de maior retração por parte daqueles que querem emprestar seu capital. Isso tende a ocorrer quando há incerteza rondando as decisões de investimento por parte dos agentes.

Romero e Jaime Jr. (2009) apresentam essa discussão a partir da base teórica pós-keynesiana ao enfatizarem a importância fundamental da incerteza na orientação das expectativas e tomada de decisão pelos agentes econômicos.

> Quanto mais elevada a incerteza, menor a expectativa dos agentes quanto à realização dos lucros, sendo menor sua motivação para investir, preferindo eles reter ativos mais líquidos como forma de se precaver, gerando uma maior preferência pela liquidez. Analogamente, se trouxermos para o foco de análise uma economia mais dinâmica, onde a atividade econômica apresenta menor incerteza, então menor será a preferência pela liquidez dos agentes. Devido ao maior otimismo partilhado pelos mesmos no que diz respeito aos ganhos futuros, são impulsionados então o investimento e a demanda, acelerando então o processo de crescimento (ROMERO; JAIME JR., 2009, p.4).

As leituras das teorias schumpeteriana e pós-keynesiana são complementares nessa tentativa de compreender o importante papel do crédito em ambientes econômicos em que a incerteza pode prejudicar novas prospecções de investimentos. O papel do crédito é indiscutível no sentido de reafirmar sua condição de sustentáculo para a expansão da capacidade produtiva, bem como de sua transformação, permitindo novas possibilidades de produção e consumo.

É interessante registrar que desde que Adam Smith defendeu a existência de uma "mão invisível" que gerenciaria o equilíbrio no mercado entre oferta e demanda muitas crises de desequilíbrio já foram registradas. A recente crise financeira que abateu o mundo em 2008 é mais um dos fatos a comprovar que a ideia de "mão invisível" caiu por terra literalmente, abrindo maior espaço para a discussão sobre o papel do Estado e dos bancos públicos como agentes necessários para contribuir para o melhor gerenciamento e condução da dinâmica econômica no sistema capitalista.

Nesse sentido, os bancos de desenvolvimento que ofertam crédito de longo prazo a taxas mais competitivas têm desempenhado um papel estratégico. Segundo Lima (1991, p.347), os bancos de desenvolvimento "necessitam considerar em sua análise técnica inúmeras variáveis microeconômicas, vinculadas tanto à empresa quanto ao projeto sob exame, desde a simples situação cadastral até a tecnologia a ser utilizada, passando pelo mercado, pelas taxas de retorno, pelos insumos, pelos equipamentos e, inclusive, pelo impacto ambiental". Assim, o banco de desenvolvimento, além da função de disponibilizar e repassar crédito, tem também como missão assessorar tecnicamente a tomada de decisão de investimento, colaborando de forma estratégica para a discussão sobre a viabilidade do projeto, o que contribui para mitigar parte dos riscos associados.

Conforme já discutido aqui, o crédito possui uma relação direta com o desenvolvimento econômico e social. Nesse sentido, este trabalho baseia-se na abordagem teórica já citada e procura apresentar informações que deem suporte para discutir as influências do acesso a crédito de longo prazo nos investimentos e no desempenho que as cooperativas agroindustriais vêm registrando.

2 ALGUNS DESTAQUES SOBRE AS COOPERATIVAS BRASILEIRAS

As cooperativas vêm respondendo por grande parte do crescimento das exportações agrícolas e agroindustriais brasileiras nos últimos anos. As estatísticas apresentadas ao longo deste texto poderão comprovar esse argumento, tal como ocorre recorrentemente, em que as publicações especializadas mostram diversas cooperativas dentre as principais e maiores empresas exportadoras no Brasil.

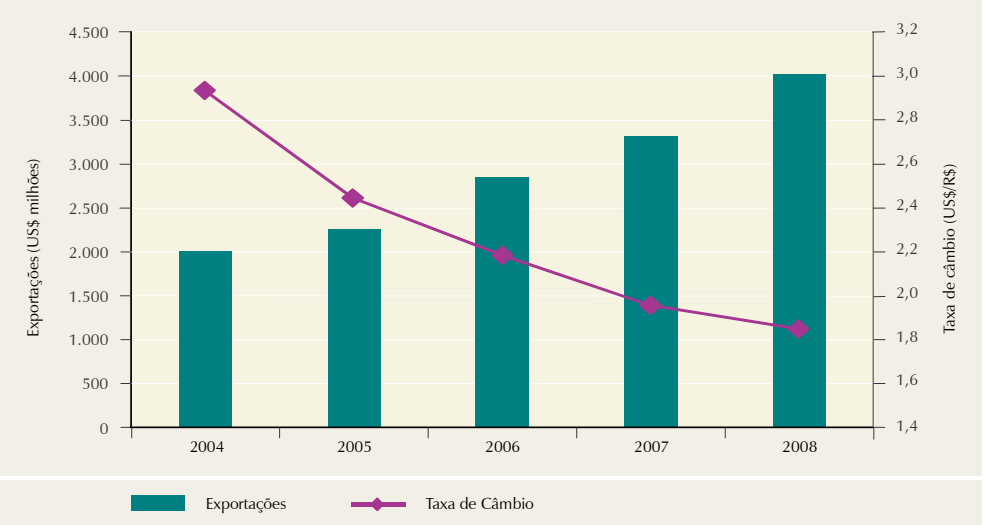
Algumas previsões da OCB sinalizam que as exportações das cooperativas do agronegócio brasileiro alcançarão US$ 20 bilhões em 2030, implicando um crescimento de mais de cinco vezes os valores que têm sido registrados nos últimos anos.

O número de cooperativas e associados também é crescente.[1] Em 2000, eram cerca de 6.000 cooperativas e 5,5 milhões de associados. Em 2009, estes números saltaram para além de 7.500 cooperativas e 8 milhões de associados. Aproximadamente 21% das cooperativas brasileiras são do ramo agropecuário. Estes resultados atestam que cada vez mais os indivíduos acreditam que trabalhar no sistema cooperativista é benéfico para o conjunto. Ademais, a geração de empregos é outro resultado importante que o sistema cooperativista brasileiro conseguiu obter. A quantidade de empregos diretos atingiu mais de 250 mil postos de trabalho em 2008. Sem dúvida, trata-se de segmentos da atividade econômica altamente demandantes de mão de obra e que conseguem gerar transbordamentos de renda importantes nas regiões onde as cooperativas estão instaladas.

Entre 2004 e 2008 as exportações das cooperativas brasileiras dobraram, atingindo o total de US$ 4 bilhões (OCB, 2009a). Sem dúvida, esse é um resultado importante porque demonstra a consolidação de um sistema empresarial cuja contribuição para o saldo da balança comercial do agronegócio do Brasil tem sido cada vez mais relevante. Além disso, um fato que merece ser destacado é a evolução da taxa de câmbio. É possível ver, pelo gráfico 1, que desde 2004 ocorre um processo de valorização cambial. Via de regra, a valorização do câmbio é prejudicial ao volume exportado, porque afeta a competitividade (preço) dos produtos locais no mercado externo. No entanto, o crescimento expressivo das exportações das cooperativas se manteve, apesar da trajetória descendente da taxa de câmbio. Este é um resultado interessante, pois indica o potencial competitivo dos produtos exportados pelas cooperativas. Cabe frisar que o período recente tem sido favorável aos preços das *commodities* no mercado internacional, contribuindo para a expansão das vendas.

[1] A referência, aqui, é para todos os ramos de atividades abarcados pelos sistemas cooperativistas no Brasil.

GRÁFICO 1 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DAS COOPERATIVAS E DA TAXA DE CÂMBIO (DÓLAR COMERCIAL) - BRASIL - 2004-2008



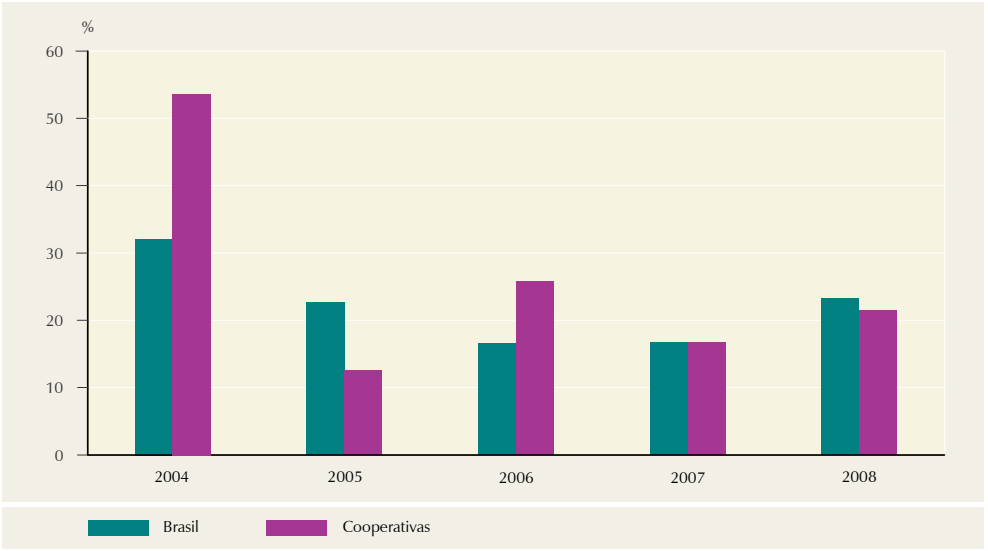
FONTE: OCB (2009a)

Sem dúvida, o preço do produto vendido externamente aumenta com o efeito câmbio, podendo ocorrer uma tendência de queda na quantidade total enviada ao exterior. Isso é importante porque grande parte dos produtos vendidos ao exterior pelas cooperativas brasileiras provém do agronegócio. No entanto, apesar dessa relação inversa entre preço (efeito câmbio) e quantidade, o que se verificou em relação às exportações das cooperativas no período foi um processo de expansão.

A taxa de crescimento (valor) das exportações totais do País e das cooperativas mostra que a partir de 2004 as vendas cresceram a taxas significativas, mostrando, no entanto, tendência de redução, paralelamente ao efeito de valorização do câmbio (gráfico 2). Entre 2004 e 2005, esse efeito foi mais sentido pelas vendas das cooperativas comparativamente àquelas do País. Adicionalmente, cada vez mais as cooperativas passam a exportar produtos "mais industrializados", com maior agregação de valor. Isso tende a fazer com que o valor das vendas/faturamento cresça.

A tabela 1 mostra que o principal grupo de produtos exportados pelas cooperativas há alguns anos provém do setor sucroalcooleiro. Até 2004, a primeira posição era ocupada pelo complexo soja. Na sequência aparece o complexo de carnes, que vem demonstrando um crescimento expressivo nas vendas externas. Cada vez mais o Brasil se torna um dos principais supridores de carnes bovinas, suínas e de aves para grandes consumidores mundiais. O valor exportado mais que triplicou entre 2003 e 2008. No entanto, ainda assim essa evolução foi inferior àquela verificada para o setor sucroalcooleiro, cujo crescimento foi de quase cinco vezes.

GRÁFICO 2 - TAXA DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES E DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS - BRASIL - 2004-2008



FONTE: OCB (2009a)

TABELA 1 - EXPORTAÇÕES PELAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS, SEGUNDO PRODUTOS EXPORTADOS - 2003-2008

PRODUTOS EXPORTADOS	EXPORTAÇÕES (US$ mil)					
	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Setor Sucroalcooleiro	274.947	411.023	698.042	1.167.921	1.082.547	1.269.674
Complexo Soja	581.621	850.024	633.468	615.927	855.181	1.079.621
Carnes	248.865	366.562	520.194	519.628	662.717	814.610
Café	82.665	133.813	202.617	206.141	274.666	349.250
Milho	72.914	86.757	18.156	129.395	145.230	53.185
Algodão	6.390	13.012	75.979	43.120	35.552	95.762
Trigo	4.687	83.274	8.017	25.603	18.401	94.825
Outros	31.750	58.137	97.346	124.750	226.919	253.609
TOTAL	1.303.840	2.002.602	2.253.819	2.832.486	3.301.212	4.010.536

FONTE: OCB (2009a)

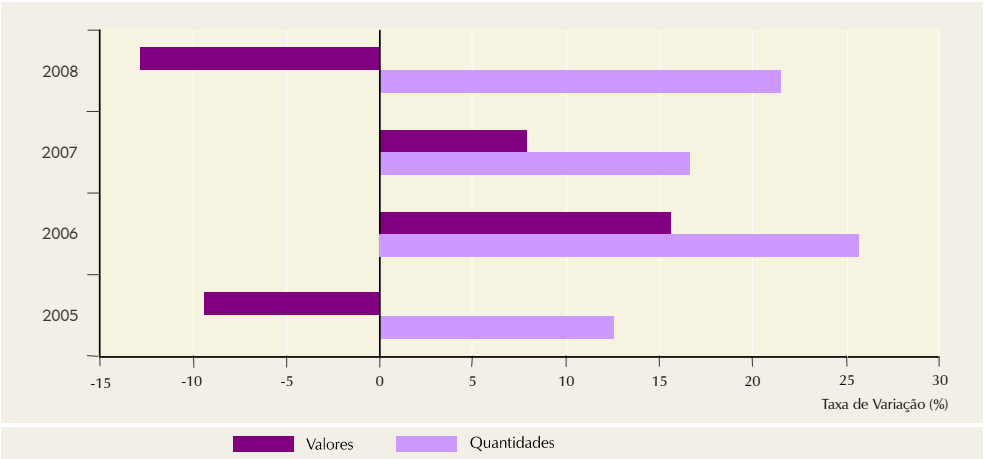
O desempenho positivo das cooperativas brasileiras mais uma vez é demonstrado pela evolução positiva dos saldos comerciais (gráfico 3). Após o crescimento de 57,8%, entre 2003 e 2004, o valor registrado cresceu a taxas inferiores, mas ainda elevadas. O saldo dobra de valor em quatro anos, quando atinge US$ 3,4 bilhões em 2008.

O gráfico 4 apresenta conjuntamente a variação das quantidades e dos valores exportados pelas cooperativas, mostrando que há um crescimento do volume (toneladas) até 2006, e a partir daí ele cai intensamente. Em 2008 essa queda foi mais acentuada, indicando uma relação inversa entre volume e valores remetidos ao exterior.

GRÁFICO 3 - BALANÇA COMERCIAL DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS - 2004 - 2008

FONTE: OCB (2009a)

GRÁFICO 4 - TAXA DE VARIAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES (VALORES E QUANTIDADES) DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS - 2005-2008



FONTE: OCB (2009a)

Por um lado, este pode ser um sinal importante pois demonstra que, apesar da redução das quantidades vendidas, ainda assim houve crescimento das exportações totais (em dólares). Apesar da relação desse resultado com o comportamento dos preços, apresenta-se como hipótese complementar que isso pode ter relação com o maior grau de industrialização de alguns itens exportados, dado que a industrialização tem se tornado parte do cotidiano das cooperativas. As cooperativas, desta forma, conseguiram se manter numa trajetória de crescimento sustentável e ascendente nas suas vendas (perante as compras) externas. É de se esperar que as vendas externas continuem expressivamente maiores que suas compras, caracterizadas, sobretudo, por insumos (como fertilizantes, por exemplo).

3 AS COOPERATIVAS PARANAENSES

A Região Sul sempre desempenhou um papel de destaque na história do cooperativismo no Brasil. Muitas das cooperativas situadas nos estados do Sul sempre foram motivo de destaque e exemplo de sucesso. As publicações especializadas já demonstraram essa evolução positiva, assim como muitos outros estados brasileiros receberam efeitos diretos e indiretos desse desenvolvimento. O avanço da fronteira agrícola para o interior do Centro-Oeste e o deslocamento e/ou nascimento de cooperativas naquela região são exemplos que levam a essa constatação.

As cooperativas do Paraná ocuparam posição de liderança no que tange às exportações. Recentemente, o Estado de São Paulo começou a despontar e dividir a primeira posição. Em 2007, o Paraná ficou ligeiramente atrás de São Paulo no valor das exportações e quantidades totais remetidas ao exterior. Isso foi revertido em 2008, quando houve um crescimento de 37% das exportações das cooperativas paranaenses. Os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina ocupavam a quarta e quinta posições em 2008 (tabela 2).

TABELA 2 - VALORES E QUANTIDADES DAS EXPORTAÇÕES DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS, SEGUNDO ESTADO DA FEDERAÇÃO - 2007, 2008 E 2009

ESTADO	2009		2008		2007		VARIAÇÃO PERCENTUAL 2008/2007	
	Valores (milhões US$)	Quantidades (kg mil)	Valores (milhões US$)	Quantidades (kg mil)	Valores (milhões US$)	Quantidades (kg mil)	Valores	Quantidades
Paraná	734,1	1.649,3	1.442,5	2.568,9	1.052,9	2.648,7	37,0	-3,0
São Paulo	461,0	1.377,1	951,5	2.409,5	1.073,1	3.587,4	-11,3	-32,8
Minas Gerais	173,7	72,8	410,6	168,6	357,0	213,4	15,0	-21,0
Rio Grande do Sul	132,6	270,1	406,9	813,3	248,9	501,1	63,5	62,3
Santa Catarina	99,7	124,4	316,5	340,4	251,2	350,2	26,0	-2,8
Mato Grosso	104,6	202,5	137,6	211,0	61,5	109,4	123,7	92,8
Goiás	17,1	42,0	122,4	238,6	70,2	233,5	74,5	2,2
Mato Grosso do Sul	6,6	18,1	110,7	266,4	89,5	420,8	23,7	-36,7
Demais Estados	19,2	11,8	112,0	61,3	97,0	53,5	15,5	14,5
TOTAL	1.748,6	3.767,8	4.010,5	7.077,8	3.301,2	8.118,0	21,5	-12,8

FONTE: OCB (2009a e 2009b)

NOTA: Para os anos de 2007 e 2008, considere-se o período de janeiro a dezembro; para 2009, o período de janeiro a junho.

O sucesso das vendas paranaenses tem relação direta com o bom desempenho alcançado pelos grãos e cereais produzidos e enviados ao mercado internacional, bem como, e principalmente, com os investimentos realizados pelas cooperativas do Paraná e Rio Grande do Sul, em grande parte financiados pelo BRDE. Além disso, cada vez mais o complexo de carnes passa a responder por parcela significativa das vendas ao exterior, o que se aplica também ao caso de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (no segmento de suínos). O grande destaque do Estado de São Paulo tem sido o setor sucroalcooleiro, que passou por um *boom* de investimentos no período recente,

acompanhando o crescimento da atenção para o álcool combustível no cenário internacional. O Paraná também possui destaque nesse ramo. As vendas totais do complexo sucroalcooleiro paranaenses cresceram 85% somente na passagem de 2007 para 2008. E as expectativas são de que o valor produzido cresça mais.

A tabela 2 também apresenta informações sobre o comportamento das exportações das cooperativas no primeiro semestre de 2009. Verifica-se que, se permanecerem na mesma velocidade, as exportações das cooperativas no Brasil tenderão a manter o volume (kg) de vendas com redução no valor (US$) total comercializado com o resto do mundo. Isso indica que a redução nos preços tem afetado diretamente o montante (US$) vendido, sem maiores impactos no volume. Esse é um registro da desaceleração mundial com impacto direto sobre os preços das *commodities*, que respondem pela ampla maioria de vendas de muitas cooperativas brasileiras. Fato inverso ocorreu entre 2008 e 2007, quando houve redução da quantidade (em kg) exportada ao mesmo tempo em que os valores cresceram 21,5%, acompanhando o *boom* das exportações brasileiras.

O gráfico 5, que apresenta as exportações das cooperativas paranaenses dos principais produtos da pauta comercial, indica que o farelo de soja e o conjunto de aves respondem pelos principais fluxos, seguidos da soja em grão e do álcool, em 2008. Houve uma sensível alteração de posição entre a soja em grão e o farelo de soja entre 2007 e 2008.

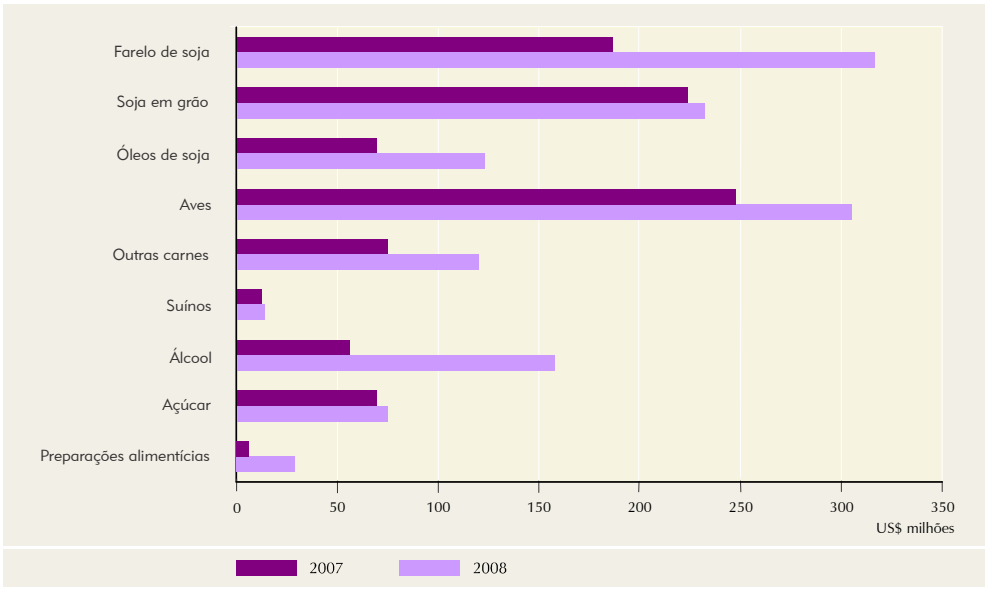
Esse resultado é indicativo de que a parcela de exportações com maior grau de processamento tem crescido. Isso é comprovado com o crescimento das vendas de óleo de soja, que quase dobrou de valor, chegando a US$ 123 milhões. Outro sinal interessante se refere ao grupo de produtos relacionados a preparações alimentícias, cujo valor das exportações, em 2008, cresceu quase que cinco vezes comparativamente àquele visto em 2007.

É importante fazer um registro a respeito do comportamento das cooperativas no setor sucroalcooleiro. Muitas grandes empresas do ramo têm buscado segregar tais operações em unidades separadas, tal como subsidiárias. A Corol, no Paraná, é um exemplo. A Cocari, que também atuava neste setor, optou pela saída definitiva, com a venda da sua usina.

Sem dúvida, nos últimos anos os resultados de sucesso das cooperativas foram colocados à mostra. O crescimento nas exportações foi acompanhado de maior faturamento e do aumento do número de associados e impostos recolhidos. E tudo foi possível graças aos investimentos realizados no período recente.

A tabela 3 apresenta uma lista resumida de indicadores referentes às cooperativas do Paraná. No caso paranaense, entre 2001 e 2008 surgiram 45 novas cooperativas (envolvendo todos os ramos, embora as agropecuárias possuam a maioria expressiva) e o número de cooperados dobrou, chegando a meio milhão. O faturamento foi multiplicado por três, e mais de 605 mil empregos foram gerados.

GRÁFICO 5 - EXPORTAÇÕES DAS COOPERATIVAS DO PARANÁ SEGUNDO PRODUTO - 2007 E 2008



FONTES: OCB (2009a), OCEPAR (s/d)

TABELA 3 - INDICADORES DE DESEMPENHO DAS COOPERATIVAS DO PARANÁ - 2001-2008

INDICADORES	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Faturamento (R$ bilhões)	7,95	10,7	15,5	18,0	16,5	16,5	19,5	22,0
Cooperativas (nº)	193	202	204	210	228	228	234	238
Cooperados (nº)	245.884	266.523	293.579	349.309	403.195	406.791	451.500	500.000
Colaboradores (nº)	30.421	32.693	39.059	48.541	49.000	50.000	51.000	55.000
Exportações (US$ milhões)	634	644	800	992	680	853	1.100	1.440
Impostos recolhidos (R$ milhões)	413	558	711	719	745	782	898	1.000
Investimentos (R$ milhões)	300	350	450	780	680	794	1.028	1.275
Postos de trabalho gerados (nº)	644.706	545.966	639.548	700.568	781.600	773.309	926.608	1.250.000

FONTE: Informativo OCEPAR (s/d)

O faturamento das cooperativas paranaenses, quando comparado com as congêneres dos demais estados, sempre esteve na dianteira. Isso se justifica pela maior expressividade das cooperativas em relação à economia paranaense. Apesar de alguma oscilação, entre 2004 e 2007 as vendas das cooperativas do Paraná ainda se mantiveram à frente de Minas Gerais e São Paulo, que vêm na sequência. As cooperativas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina se destacam a seguir, mantendo uma distância expressiva comparativamente aos resultados do Paraná.

No último ano foram registrados recordes de faturamento para as cooperativas de todos os estados e regiões para os quais se dispõe de informações (tabela 4). O crescimento mais expressivo foi registrado para o faturamento das cooperativas mineiras, que cresceu quatro vezes. Dentre os estados do Sul, Santa Catarina quase triplicou seu faturamento, enquanto o Paraná quase dobrou, e o Rio Grande do Sul aumentou em 45%.

TABELA 4 - FATURAMENTO DAS COOPERATIVAS, SEGUNDO ESTADOS E REGIÕES - BRASIL - 2002-2008

ESTADO	FATURAMENTO DAS COOPERATIVAS (R$ bilhões)						
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Paraná	10,7	15,5	18,0	16,5	16,5	19,5	22,0
Santa Catarina	4,1	6,2	8,0	7,3	7,6	8,1	11,4
Minas Gerais	4,4	6,5	11,0	10,5	13,2	13,9	16,4
São Paulo	9,5	12,4	12,7	12,0	14,7	15,3	15,5
Rio Grande do Sul	8,0	9,7	8,6	8,5	9,3	9,6	11,6
Centro-Oeste	3,3	4,5	5,1	5,0	5,2	5,4	6,4
Norte	0,3	0,4	0,4	0,4	0,5	0,5	0,5
Nordeste	0,6	0,6	0,8	0,7	0,9	0,9	1,1
TOTAL	40,8	55,8	64,7	60,9	67,8	73,2	84,9

FONTES: OCB (2008a e 2009a), OCEPAR (s/d)

Os investimentos das cooperativas paranaenses se destacam perante os de outros estados, como suas características positivas. Atualmente, a maior parcela dos financiamentos tem se realizado para suprir necessidades de investimentos produtivos – os recursos para capital de giro foram menos expressivos. O estágio atual mostra que a capitalização das cooperativas do Paraná é diferente da que se dava em outros momentos no passado. Agora os investimentos estão diretamente associados a perspectivas futuras, construindo uma capacidade de oferta que se consolidará em face do crescimento da demanda ao longo do tempo, diferentemente de situações passadas, quando parte relevante do endividamento se destinava ao saneamento de dívidas de curto prazo.

4 O BRDE E O COOPERATIVISMO AGROPECUÁRIO E INDUSTRIAL

A história do cooperativismo na Região Sul e a do BRDE estão associadas desde sua origem. Esta afirmação ganha sustentação para a região como um todo. Tal como foi apontado na introdução deste texto, a evolução positiva e crescente das cooperativas paranaenses contou, em vários momentos, com o apoio técnico e financeiro do BRDE.

Muitas dessas cooperativas possuem hoje patrimônios elevados e desempenham papel estratégico para o desenvolvimento econômico e social das regiões onde estão inseridas. A presente seção traz indicadores relevantes quanto à atuação do BRDE junto a cooperativas agrícolas e agroindustriais no Paraná. Será possível a constatação de que as relações entre o BRDE e este conjunto de empresas não somente se ampliou como também se fortaleceu, atingindo um maior número de produtores cooperados que trabalham em conjunto para o melhor resultado da empresa que representa seus interesses.

4.1 A CONCESSÃO DE CRÉDITO NO PERÍODO DE 1998 A 2009

Ao longo dos últimos anos o número de cooperativas financiadas pelo BRDE cresceu continuamente. A tabela 5 informa o número de cooperativas financiadas por parte de cada agência do BRDE.[2] Não faz sentido calcular o valor acumulado de empresas que efetuaram contratos com o BRDE a partir da abordagem da tabela apresentada, pois uma mesma empresa pode ter financiado projetos em anos diferentes, aparecendo sucessivamente.

TABELA 5 - NÚMERO DE COOPERATIVAS FINANCIADAS PELO BRDE, SEGUNDO OS ESTADOS DA REGIÃO SUL - 1998-2009

ANO	PARANÁ	SANTA CATARINA	RIO GRANDE DO SUL	BRDE
1998	5	1	4	10
1999	3	0	1	4
2000	6	2	5	13
2001	8	10	5	23
2002	11	10	8	29
2003	14	14	12	40
2004	17	12	8	37
2005	14	9	7	30
2006	8	8	16	32
2007	19	9	21	49
2008	16	16	19	51
2009(1)	19	12	14	45

FONTE: Informações primárias obtidas junto ao BRDE
NOTA: Elaboração dos autores.
(1) Período de janeiro a julho.

A análise ano a ano mostra que há crescimento no número de empresas financiadas nos três estados. Apesar do crescimento que ocorreu até 2003 e, na sequência, de uma ligeira queda no número de cooperativas financiadas, o resultado verificado para o período de 1998-2009 é expressivo. Salta-se de um total de 10 empresas financiadas para 51 em 2008, e 45 já na metade de 2009, o que novamente reforça o papel do BRDE junto ao sistema cooperativista na Região Sul. Com exceção dos últimos três anos em que a participação relativa do Rio Grande do Sul respondeu pelos maiores números de cooperativas financiadas, o Paraná tradicionalmente esteve à frente, com participações percentuais superiores.

O número de contratos (tabela 6) está diretamente associado com o comportamento quanto à participação de cada estado no total de cooperativas apoiadas pelo BRDE. O Paraná responde pelo maior número de contratos firmados com cooperativas entre 1998 e 2009. A exceção ocorre em 2001 e 2002, quando Santa Catarina responde pelos maiores valores percentuais, chegando a 35% em 2001.

[2] O BRDE possui agência em cada uma das três capitais da Região Sul. Adicionalmente conta com escritórios de representação na cidade do Rio de Janeiro/RJ e em Campo Grande/MS. Sua sede está localizada em Porto Alegre/RS. Todas as estatísticas primárias utilizadas nesse item foram obtidas diretamente no BRDE.

TABELA 6 - NÚMERO DE CONTRATOS REALIZADOS ENTRE O BRDE E AS COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS - REGIÃO SUL - 1998-2009

ANO	PARANÁ	SANTA CATARINA	RIO GRANDE DO SUL	TOTAL
1998	11	1	9	21
1999	4	0	1	5
2000	14	5	11	30
2001	16	35	12	63
2002	17	26	14	57
2003	29	23	12	64
2004	22	22	13	57
2005	27	15	17	59
2006	19	12	19	50
2007	36	18	33	87
2008	37	25	22	84
2009(1)	41	22	19	82
TOTAL	273	204	182	659

FONTE: Informações primárias obtidas junto ao BRDE
NOTA: Elaboração dos autores.
(1) Período de janeiro a julho.

A evolução no total de contratos é outro indicativo do adensamento das relações do BRDE com as cooperativas da Região Sul na última década. Foi nos últimos dois anos que o maior número de contratos foi realizado com as cooperativas. Este resultado está diretamente ligado ao melhor desempenho produtivo e à maior aceitação-demanda de seus produtos em mercados internos e externos (conforme aumento das exportações já apresentadas). Isto fez com que houvesse uma maior necessidade de investimentos voltados à ampliação e readequação da produção, logística e desenvolvimentos tecnológicos.

Apesar dos vínculos de quase meio século entre o BRDE e o segmento cooperativista, foi nos últimos anos que isso se mostrou mais expressivamente no que tange ao montante financiado. A atualização dos valores contratados (através da inflação acumulada - IPCA) pelas cooperativas junto às três agências do BRDE mostra que, a preços de 2009, foram financiados investimentos num total de R$ 2,9 bilhões (tabela 7). Este valor inclui refinanciamentos realizados por algumas cooperativas, mas em menor magnitude.

Os valores financiados foram crescentes nos três estados, com especial destaque para o quadriênio 2006-2009. O Paraná responde pela maior parcela (56,8%) do montante total. É importante apontar que mais da metade do valor contratado, em 2008 e 2009, ocorreu no Paraná. Considera-se que o contínuo crescimento do faturamento das cooperativas nessa década[3] teve relação direta com a realização de novos investimentos, pois as cooperativas aumentaram suas exportações e passaram a industrializar uma maior parcela de seus produtos, o que faz acreditar que isso demanda mais investimentos. A maior capacidade de produção contribuiu para o crescimento das exportações de diversos produtos, em muitos casos expandindo as vendas de itens com maior intensidade de industrialização e/ou valor agregado.

[3] Ver maiores detalhes na seção 5, que apresenta o comportamento dos indicadores econômico-financeiros das cooperativas.

TABELA 7 - CONTRATAÇÕES REALIZADAS ENTRE O BRDE E AS COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS - 1998-2009

ANO	VALORES CORRENTES (R$ mil)				VALORES DEFLACIONADOS (R$ mil)			
	PARANÁ	SANTA CATARINA	RIO GRANDE DO SUL	BRDE	PARANÁ	SANTA CATARINA	RIO GRANDE DO SUL	BRDE
1998	2.091	3.250	5.657	10.998	4.339	6.744	11.738	22.821
1999	751	0	1.230	1.981	1.533	-	2.511	4.044
2000	47.450	3.966	7.411	58.827	88.907	7.430	13.887	110.224
2001	31.615	9.425	9.787	50.827	55.900	16.665	17.305	89.869
2002	74.512	17.864	9.321	101.696	122.362	29.336	15.306	167.005
2003	77.480	32.314	24.821	134.615	113.070	47.157	36.222	196.449
2004	102.583	29.286	21.655	153.524	136.965	39.101	28.914	204.980
2005	127.609	39.286	25.831	192.726	158.345	48.749	32.053	239.146
2006	107.053	45.172	121.599	273.824	125.686	53.034	142.764	321.484
2007	126.215	75.583	79.405	281.204	143.672	86.037	90.388	320.098
2008	303.174	166.504	124.674	594.352	330.372	181.441	135.859	647.672
2009(1)	421.179	172.463	75.177	668.819	421.179	172.463	75.177	668.819
TOTAL	1.421.712	595.113	506.568	2.523.394	1.702.331	688.159	602.122	2.992.612

FONTE: Informações primárias obtidas junto ao BRDE

NOTAS: Elaboração dos autores.

Valores atualizados através da inflação acumulada (IPCA – base agosto 2009).

(1) Período de janeiro a julho.

Apesar de Santa Catarina ter respondido por menores parcelas financiadas, ocorre um ligeiro crescimento nos valores contratados no último triênio. O crescimento das exportações de produtos baseados em proteína animal a partir daquele estado, por cooperativas produtoras, tem relação com essa maior demanda.

TABELA 8 - CONTRATAÇÕES REALIZADAS ENTRE O BRDE E AS COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS, SEGUNDO FONTE DE RECURSOS - 1998-2009(1)

FONTE/MODALIDADE	PARANÁ	SANTA CATARINA	RIO GRANDE DO SUL	BRDE	PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL
BNDES	1.150.881	569.827	472.116	2.192.825	86,9
FINEM	114.490	60.147	21.719	196.357	7,8
Automático	2.894	13.257	5.308	21.459	0,9
PRONAF	2.579	139.305	189.527	331.410	13,1
PROINSA	5.653	-	6.000	11.653	0,5
PRODECOOP	1.025.084	339.238	232.004	1.596.327	63,3
PROPFLORA	180	150	-	330	0,0
PROSOLO	-	6.112	4.812	10.924	0,4
MODERAGRO	-	11.618	12.746	24.364	1,0
FINAME	98.810	12.635	13.418	124.863	4,9
Automático	22.478	1.026	1.581	25.085	1,0
MODERMAQ	4.780	-	-	4.780	0,2
AGRICOLA	2.588	4.154	1.774	8.516	0,3
PROLEITE	225	-	900	1.125	0,0
PRODECOOP	64.066	7.455	8.902	80.423	3,2
MODERFROTA	4.673	-	-	4.673	0,2
Limite de Crédito	-	-	260	260	0,0
OUTROS	172.021	12.652	21.035	205.708	8,2
TOTAL	1.421.712	595.114	506.569	2.523.395	100,0

FONTE: Informações primárias obtidas junto ao BRDE

NOTA: Elaboração dos autores.

(1) Período de janeiro a julho.

A grande fonte de financiamento são as linhas disponibilizadas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), com especial destaque para o Programa de Desenvolvimento Cooperativo para Agregação de Valor à Produção Agropecuária (PRODECOOP). Esta é uma linha voltada especificamente para as cooperativas, cujo início se deu em 2002. A demanda por este crédito foi crescente ao longo desse período, o que demonstra que 63,3% do volume acumulado dos financiamentos realizados está concentrado nessa linha.

Uma característica importante e que merece ser destacada refere-se à constatação de que os financiamentos destinados às cooperativas no último decênio estiveram direcionados, sobretudo, para a formação de capital fixo. As linhas de capital de giro também foram utilizadas, mas numa menor magnitude do que aquela citada para o primeiro caso.

No que se refere ao FINAME (linha destinada exclusivamente à aquisição de máquinas), o maior registro de financiamentos ocorre para o Paraná (79%), sobretudo como extensão do PRODECOOP.

5 INDICADORES ECONÔMICO-FINANCEIROS DAS COOPERATIVAS

Em continuidade ao exame dos indicadores das cooperativas, cabe fazer uma rápida exposição da situação econômico-financeira dessas empresas no período recente. O período de turbulência pelo qual a economia vem passando faz com que haja uma preocupação cada vez maior com a evolução dos principais indicadores que atestam a saúde financeira das empresas.

Com o intuito de comparar os resultados econômico-financeiros verificados para as cooperativas clientes do BRDE na data de 31 de dezembro de 2008, foram obtidas informações sobre as 50 maiores empresas do agronegócio da Região Sul disponibilizadas pela publicação "Maiores e Melhores", da Revista *Exame*, cuja divulgação é anual.

As fontes e respectivas amostras são: BRDE, com 66 empresas (balanços com fechamento em 31/12/2008); e a publicação "Maiores e Melhores", da revista *Exame*, com 50 empresas (balanços com fechamento em 31/12/2008)

5.1 RESULTADOS ECONÔMICO-FINANCEIROS OBTIDOS

Para realizar uma análise sobre o perfil econômico-financeiro com dados contábeis recentes foram coletados os indicadores de cada cooperativa para a posição de 31 de dezembro de 2008. Foram consultados, como se mencionou, dados de 66 empresas, as quais respondiam por 92,5% do número total de cooperativas com saldo vigente no BRDE em julho de 2009. Deste modo, os indicadores selecionados têm expressividade que satisfaz ao objetivo deste trabalho de apresentar o comportamento de alguns resultados econômico-financeiros.

A partir da amostra foi possível calcular a média e a mediana de um grupo de indicadores (em índice, tal como em valores nominais). Os valores apresentados referem-se à média e mediana dos dados contábeis de 31 de dezembro de 2008. A tabela 9 traz os resultados para as empresas consultadas.

TABELA 9 - INDICADORES ECONÔMICO-FINANCEIROS DAS COOPERATIVAS DOS ESTADOS DA REGIÃO SUL FINANCIADAS PELO BRDE

INDICADORES	PARANÁ		SANTA CATARINA		RIO GRANDE DO SUL		MÉDIA ESTUDO 2002
	Média	Mediana	Média	Mediana	Média	Mediana	
Valores em Índice							
Endividamento Bancário/Ativo Total	0,44	0,43	0,40	0,42	0,28	0,26	0,30
Endividamento Bancário / Patrimônio Líquido	1,43	1,24	1,39	1,13	0,88	0,79	1,55
Endividamento de Longo Prazo	0,27	0,27	0,29	0,27	0,27	0,24	0,24
Endividamento Total/Faturamento	0,45	0,44	0,42	0,37	0,69	0,37	1,22
Giro do Ativo	1,51	1,54	1,55	1,68	1,77	1,61	1,70
Grau de Endividamento	2,21	2,05	2,32	1,96	1,10	1,91	3,19
Grau de Imobilizações	108,92	89,27	111,44	92,24	61,86	83,64	145,70
Liquidez Seca	0,87	0,82	0,88	0,84	0,83	0,75	1,79
Liquidez Simples Corrente	1,28	1,21	1,29	1,23	1,32	1,24	1,32
Liquidez Total	1,02	1,04	0,99	1,03	1,14	1,05	1,04
Lucratividade s/vendas	1,47	1,42	3,51	2,90	0,91	1,70	2,94
Lucro Líquido/Endividamento Bancário	0,08	0,06	0,07	0,06	0,05	0,04	0,36
Margem de Garantia	1,52	1,48	1,49	1,47	1,58	1,52	1,54
Rentabilidade/Patrimônio Líquido	9,80	8,64	13,28	12,59	6,10	11,95	20,71
Valores em R$ mil							
Ativo Real	455.994	328.596	252.495	127.415	122.530	102.276	-
Patrimônio Líquido	231.158	135.938	74.346	38.716	41.215	28.386	-
Endividamento Bancário	235.653	212.853	108.913	60.918	37.212	27.258	-
Passivo Exigível de Longo Prazo	91.108	69.704	50.061	23.142	22.358	16.277	-
Receita Bruta	869.855	712.160	500.181	252.995	200.883	172.016	-
Receita Operacional Líquida	834.227	680.466	442.619	169.495	187.059	168.443	-
Lucro Líquido	17.582	6.787	(171)	5.507	1.233	1.622	-

FONTE: Informações primárias obtidas junto ao BRDE

NOTAS: Elaboração dos autores.

O prejuízo de uma cooperativa em SC gerou um impacto relevante sobre os resultados para amostra. Isso fica claro quando se comparam a média e a mediana do Lucro Líquido para aquele Estado.

Observada isoladamente, a tabela não permite maiores conclusões porque o dado, de forma isolada, pode não ter significado aparente. Deste modo, cabe avaliá-lo perante o mesmo indicador ou algum outro que sirva como *proxy*. Neste sentido, procurou-se estabelecer comparações, sempre que possível, perante as demais amostras apontadas anteriormente.

A última coluna da tabela em questão se refere à média de indicadores calculados para empresas com saldo vigente no BRDE em 2003, utilizando dados contábeis de 2002. Desta forma, ali está apresentada uma média para os indicadores para todas as cooperativas apoiadas na Região Sul, sem distinção de estado de origem. Apesar disso, é um parâmetro interessante de comparação para a análise feita neste artigo.

Adicionalmente, a amostra que nos ajuda numa tentativa de comparação é aquela da publicação da Revista *Exame*, dado que ela abarca empresas do agronegócio.

O critério da revista para o ordenamento das empresas é o faturamento e, deste modo, foram apresentadas as 50 maiores empresas do agronegócio na Região Sul. Dentre estas, têm-se 12 cooperativas paranaenses, 2 catarinenses e 2 gaúchas.

TABELA 10 - INDICADORES ECONÔMICO-FINANCEIROS (31/12/2008) PARA AS 50 MAIORES EMPRESAS DO AGRONEGÓCIO NA REGIÃO SUL SELECIONADAS PELA REVISTA EXAME

ESTADO	QUANTIDADE DE EMPRESAS	FATURAMENTO (US$ mil)	LUCRO LÍQUIDO AJUSTADO (US$ mil)	PL AJUSTADO (US$ mil)	RENTABILIDADE AJUSTADA (%)	ENDIVIDAMENTO GERAL (%)
Paraná	27	493	3	108	-55	68
Santa Catarina	6	3.064	203	269	-130	77
Rio Grande do Sul	17	486	-13	76	-16	69
TOTAL	50	799	30	125	-57	70

FONTE: EXAME (2010)

NOTAS: Os indicadores apresentados na tabela são **médias** calculadas para o conjunto de empresas de cada estado.

- Lucro Líquido Ajustado: É o lucro líquido apurado, depois de reconhecidos os efeitos da inflação nas demonstrações contábeis.
- PL ajustado: É o PL legal atualizado pelos efeitos da inflação.
- Rentabilidade Ajustada: Mede o retorno do investimento para os acionistas. Resulta da divisão dos lucros líquidos ajustado, pelo PL ajustado. O produto é multiplicado por 100 para ser expresso em porcentagem Para o cálculo, consideram-se como patrimônio os dividendos distribuídos nos exercícios e os juros sobre o capital próprio.
- Endividamento Geral: É a soma do Passivo Circulante (isto é, dívidas e obrigações de curto prazo, incluindo-se as duplicatas descontadas) com o exigível a longo prazo. O resultado é mostrado em porcentagem, em relação ao ativo total ajustado, e representa a participação de recursos financiados por terceiros na operação da empresa. É um bom indicador de risco do negócio.

No caso das estatísticas obtidas no BRDE e na publicação da Revista *Exame* foram calculadas a média e a mediana. Isso foi possível porque se dispunha de estatísticas desagregadas por empresas. A média possibilita um resultado ponderado para o conjunto de todos os dados, que pode sofrer algum tipo de distorção quando existem valores muito elevados ou muito baixos, próximo aos extremos da distribuição, afetando os resultados devido a seus maiores pesos relativos. Já a mediana é o valor intermediário na distribuição das estatísticas, sendo ponderado pelos dois componentes intermediários somente quando a quantidade de elementos é par, o que possibilita uma ideia da distribuição dos dados.

5.2 SÍNTESE COMPARATIVA DE RESULTADOS

O fator que pode ser discutido inicialmente é o endividamento e suas relações com outros indicadores. A média do endividamento bancário/ativo total para o Paraná apresentou-se ligeiramente superior àquela verificada para as empresas do BRDE (em forma agregada) no estudo realizado anteriormente em 2002. No caso do Rio Grande do Sul o valor foi inferior, mas próximo aos 0,30 ou 30%. O mesmo pode ser dito para a participação do endividamento de longo prazo em relação ao total, que aumentou sensivelmente (a média em 2002 era de 0,24 ou 24%).

O aumento do endividamento de longo prazo no seu montante total é um sinal importante de que as cooperativas estão melhorando seu perfil de comprometimento com terceiros. Por outro lado, o crescimento do endividamento em relação ao

ativo total (tal como seu valor nominal) é reflexo da maior necessidade que estas empresas vêm tendo de manutenção de suas atividades por meio de financiamentos. Se houve necessidade de financiamento, grande parte dela esteve relacionada com a crescente demanda pelos bens produzidos pelas cooperativas.

A relação endividamento bancário/patrimônio líquido (PL) mostrou redução para os três estados perante os valores obtidos, em 2002, para as empresas com saldo no BRDE. Isso é mais um indicador positivo de que as empresas, apesar de terem aumentado o volume do seu endividamento, têm expandido seu patrimônio líquido significativamente ao longo do tempo (e os correspondentes reflexos no ativo permanente da empresa). Os valores (em R$ mil) do PL das cooperativas para os três estados demonstram uma média alta, de modo que as medianas com valores elevados indicam que a maioria delas possui patrimônios relativamente grandes, com destaque para as empresas do Paraná.

Outro resultado importante é a comparação do endividamento com o faturamento das cooperativas. Esse indicador diz que o faturamento tem crescido a maiores taxas, *pari passu*, frente ao endividamento. Verifica-se que o endividamento das empresas paranaenses com saldo no BRDE possui maior participação relativa no faturamento total frente às cooperativas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (respectivamente, médias de 0,42 e 0,69). Cabe frisar que, apesar da amostra de cooperativas com saldo no Paraná ter mostrado uma menor proximidade diante dos resultados para o agregado do Banco em 2002, ocorreu uma melhoria significativa em relação ao passado recente. Enquanto a média do endividamento total/faturamento era de 1,22, o resultado para o Paraná, em 2008, foi de 0,45. Isso mostra que o endividamento da amostra de empresas consultadas é a metade do valor de seu faturamento.

Outro balizador importante para exame é o grau de endividamento na análise do grupo de empresas do Paraná e Santa Catarina (respectivamente, 2,21 e 2,32), que se mostrou menor que a média obtida para o conjunto do BRDE em 2002 (3,19). As empresas do Rio Grande do Sul apresentaram uma média do grau de endividamento (1,10) inferior à dos demais estados.

A maioria das cooperativas clientes apresenta um grau de endividamento que, numa primeira impressão, pode parecer muito elevado. No entanto, isso deverá ser avaliado em conformidade com o perfil de cada empresa, pois algumas delas terão capacidade de alavancar mais endividamento bancário como meio necessário para a manutenção e expansão das atividades, o que não deve ser visto como um resultado preocupante. Ademais, o crescimento do faturamento das cooperativas e a intensificação e aprimoramento dos processos de gestão contribuem para que esse processo de alavancagem seja realizado com parâmetros confiáveis.

Quanto aos indicadores de rentabilidade, é importante ressaltar que eles foram satisfatórios (conforme as margens positivas e elevadas indicadas na tabela 9). No entanto, responderam por uma queda comparativamente aos verificados em 2002 para o Paraná. A lucratividade em relação às vendas para a amostra do Paraná foi de 1,47, enquanto na versão anterior do estudo a média era de 2,94.

Os resultados referentes à rentabilidade vieram crescendo ao longo do tempo, sobretudo nos anos 2000. Antes disso, os indicadores para as cooperativas não foram os melhores, e até por isso tais números se refletiram sobre os resultados encontrados quando da análise das empresas clientes do BRDE em 2002. O que se verifica a partir desses indicadores diversos é que houve uma melhoria nos resultados obtidos pelas cooperativas, de maneira geral. O fato de em 2008 ter ocorrido uma redução nesse indicador se deve, sobretudo, ao impacto negativo de operações financeiras sobre o lucro de muitas empresas. Isso foi recorrente e prejudicou os resultados finais, deteriorando parte significativa dos resultados operacionais muito satisfatórios.

Um fator adicional que destaca a evolução do perfil das cooperativas é a rentabilidade em relação ao patrimônio líquido. Apesar de ele ter se mostrado menor para a amostra de empresas observadas para o Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul frente àquele visto em 2002 (20,71), é necessário atestar que este efeito se deveu, em grande medida, ao crescimento sustentado do patrimônio líquido dessas empresas. Os valores nominais são expressivos, tal como se verifica para as cooperativas dos três estados.

Os indicadores de endividamento apresentados anteriormente reforçam o argumento de que as cooperativas paranaenses, ou mesmo aquelas dos outros estados, estão mais capitalizadas e operando mais fortemente com o mercado de crédito. Isso indica que essas cooperativas estão vivendo um período intensamente dinâmico no que se refere à sua necessidade de alavancagem financeira para colocar em funcionamento suas atividades produtivas, demonstradas pelos crescimentos na produção, no faturamento, no patrimônio líquido, nas exportações etc.

A conquista de significativos lucros líquidos, bem como de financiamentos para aumento de capital social via operações de cotas-partes, que vieram crescendo ao longo dos últimos anos e dos demais fatores de caráter positivo, aponta que essas empresas se potencializaram fortemente e cada vez mais mostram capacidade para responderem a adversidades momentâneas que porventura estejam em pauta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com o crescimento das cooperativas da região, as quais se tornaram empresas de grande porte, o BRDE continuou sendo a principal instituição financeira dos investimentos realizados por essas empresas. Em 2009, as cooperativas paranaenses investiram mais de R$ 1 bilhão e o BRDE foi responsável pelo financiamento de mais de 50% destes investimentos com recursos advindos do BNDES.

As informações diversas apresentadas ao longo deste texto serviram para mostrar que as cooperativas, mais do que nunca, mantêm-se como grandes parceiras do BRDE e este tem fomentado atividades econômicas essenciais nos estados da Região Sul, conduzidas pelas cooperativas.

Os resultados positivos estiveram à mostra ao longo do trabalho, destacando a evolução dos indicadores nos últimos anos (1998 a 2009). O aumento do faturamento

(com perspectivas de manutenção e crescimento) e das exportações (mesmo quando a taxa de crescimento das exportações brasileiras caia) são algumas das constatações obtidas. O período recente tem sido marcado pela evolução do sucesso das cooperativas no que se refere às suas capacidades operacionais. Isso pode ser visto pelo aumento da produção, expresso nos recordes de faturamento registrados pelas cooperativas examinadas.

A tendência em direção ao maior grau de industrialização de produtos básicos tem ganho espaço nas estratégias das cooperativas. Embora a venda de produtos básicos ainda responda pela expressiva maioria do total comercializado, as mudanças de hoje representam a passagem para um novo perfil produtivo no futuro. E o acesso ao crédito de longo prazo e a taxas mais competitivas que aquelas disponibilizadas pela banca privada tem sido fundamental, conforme se verifica pelo crescimento da participação do BRDE nesse processo.

A missão do BRDE como fomentador do desenvolvimento econômico e social de longo prazo na Região Sul do Brasil está diretamente atrelada a tais perspectivas positivas sobre o futuro e contribuição das cooperativas para com os estados onde elas atuam. O ano de 2009 foi decisivo e marcante no que coube ao papel desempenhado pelos bancos públicos nas ações tomadas no sentido de fortalecer a estrutura produtiva com crédito, dado o movimento de retração pelo lado das instituições privadas.

A manutenção e crescimento na demanda global por alimentos só tende a favorecer as perspectivas pelo lado da oferta das cooperativas, levando-as a se tornarem mais competitivas, ao mesmo tempo em que se diversificam e expandem sua produção. As projeções de investimento não têm se reduzido, apesar da crise internacional que vem assolando a economia como um todo. As principais necessidades de investimento das cooperativas estão concentradas em aumentar a capacidade de armazenagem, bem como do próprio parque industrial. O faturamento de R$ 22 bilhões registrado no Paraná em 2008 foi definido como meta mínima para as próximas safras, segundo as previsões das cooperativas.

Foi em 2008 que muitas cooperativas ultrapassaram o valor de R$ 1 bilhão de reais em investimentos. Há intenções já firmadas acerca do aumento dos investimentos nos segmentos produtores de aves, suínos, assim como na fabricação de rações e armazenagem de grãos, sobretudo. E, em todas essas atividades, e em muitas outras, como foi visto ao longo deste artigo, o BRDE tem sido agente destacado no fomento à expansão das cooperativas.

Sem dúvida, o risco tende a aumentar quando o cenário se caracteriza pela incerteza. Os desdobramentos da crise internacional já geraram impactos sobre os resultados obtidos (seja pelo lado financeiro, seja pelo lado da demanda), ainda sem finalizações. No entanto, mediante as perspectivas de retomada da atividade econômica e recuperação gradativa internacional as cooperativas não têm se afastado de suas metas.

Por fim, enfatiza-se que o BRDE, como banco de desenvolvimento econômico e social, construiu uma parceria importante com as cooperativas na Região Sul, com destaque para o Paraná, e que não tem sido enfraquecida, sobretudo num momento em que essas empresas passam a ser crescentemente responsáveis pelo sucesso em diversos segmentos da atividade econômica, com impactos diretos sobre a sociedade.

REFERÊNCIAS

BALANÇO ANUAL (Gazeta Mercantil). São Paulo: Gazeta Mercantil, 2008.

BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL. **As cooperativas agropecuárias e o BRDE**: histórico, situação atual e perspectivas. Porto Alegre: BRDE, 2003.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Informe de indicadores econômicos**. Brasília: MAPA, 2009.

COELHO, A.; GONÇALVES, F. O crédito e o desenvolvimento do setor industrial no Paraná. In: ENCONTRO DE ECONOMIA PARANAENSE (ECOPAR), 5., 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2007.

COOPERATIVISMO: Sistema Ocepar reúne lideranças do setor em Curitiba. **Informe Diário n.1.847,** Curitiba: OCEPAR, 12 maio 2008. Disponível em: <http://www.ocepar.org.br/ocepar/servlet/ConsultaInformesEdicaoImpressao?ServletState=2&nuAnoF=2008&nuMesF=5&nuDiaF=12>.

EXAME. Maiores e Melhores 2009. São Paulo: Ed. Abril, 2010.

KEYNES, J. M. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Nova Cultural, 1982.

LIMA, A. O sistema de crédito ao desenvolvimento: fundamentos, estrutura e evolução. **Ensaios FEE**, Porto Alegre: FEE, v.11, n.2, p.345-351, 1991.

NINAUT, E. S.; MATOS, M. A. Panorama do Cooperativismo no Brasil: censo, exportações e faturamento. **Informações Econômicas**, São Paulo: IEA, v.38, n.8, p.43-55, ago. 2008a.

NINAUT, E. S.; MATOS, M. A. Exportações diretas das cooperativas brasileiras. **Revista Agrimotor**, São Paulo: Grips Editora, n.33, p.28-29, 2008b.

OCB - Organização das Cooperativas do Brasil. Panorama do cooperativismo no Brasil: censo, exportações e faturamento. **Informativo Técnico**, Brasília, n.13, abr. 2008a.

OCB. A influência do câmbio na formação dos preços no agronegócio. **Informativo Técnico**, Brasília, n.17, abr. 2008b.

OCB. A elevação dos preços das *commodities* agrícolas e a questão da agroenergia: o posicionamento da OCB. **Informativo Técnico**, Brasília, n.20, jul. 2008c.

OCB. Crise financeira internacional e as exportações das cooperativas brasileiras nos meses de janeiro a setembro de 2008. **Informativo Técnico**, Brasília, n.26, nov. 2008e.

OCB. Recursos demandados pela agricultura brasileira e o crédito rural. **Informativo Técnico**, Brasília, n.27, nov. 2008e.

OCB. Exportações diretas das cooperativas brasileiras em 2008. **Informativo Técnico**, Brasília, n.28, jan. 2009a.

OCB. Inserção das cooperativas brasileiras no mercado iInternacional: ênfase no primeiro semestre de 2009. **Informativo Técnico**, Brasília, n.39, ago. 2009b.

OCB. **Sistema OCB reúne 7,8 milhões de associados em 2008**. Disponível em: <http://www.ocepar.org.br/UPL/Outro/260109_numeroscooperativismobrasileiro.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2009.

OCB. **Exportações das cooperativas crescem 21,49% em 2008**. Disponível em: <http://www.brasilcooperativo.coop.br/GERENCIADOR/ba/arquivos/220109_exportacoes_balanco2008.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2009.

OCB. **Números do cooperativismo em 2008**: apresentação. Brasília. Disponível em: <http://www.ocb.org.br>. Acesso em: 10 mar. 2009.

OCB. **Números do cooperativismo em 2009**: apresentação. Brasília. Disponível em: <http://www.ocb.org.br>. Acesso em: 10 mar. 2009.

OCEPAR. **Balanço econômico-social das cooperativas paranaenses 2008**. Curitiba, 2008.

OCEPAR. **Indicadores do cooperativismo entre 2001 e 2008**. Informativo. Curitiba, [200?].

PARANÁ COOPERATIVO. Curitiba: OCEPAR, ano 4, n.46, nov./dez. 2008. Ed. especial.

RECEITA de cooperativas deve crescer 10%. **Valor Econômico**, São Paulo, 29 jan. 2009.

ROMERO, J.; JAYME JR. F. Crédito, preferência pela liquidez e desenvolvimento regional: o papel dos bancos públicos e privados no sistema financeiro brasileiro (2001-2006). In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 14., 2009, São Paulo. **Anais...**. São Paulo: PUC-SP, 2009.

SCHUMPETER, J. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.